

Espera, experiência e palavra

Luíza Helena da Silva Christov¹

Resumo

O artigo registra oito histórias escritas a partir de momentos de espera da autora, durante várias visitas para estudar escolas e para compartilhar aprendizados. Além da apresentação das histórias vividas em momentos de espera, o artigo registra considerações sobre a metamorfose das esperas em experiências, incluindo dois movimentos: a transformação da espera em experiência e a transformação de cada experiência em palavras. São histórias que transcorrem em escolas brasileiras de educação básica, a partir de 1997, com destaque para um momento de espera vivenciado pela autora na universidade onde leciona e pesquisa. O artigo rememora, portanto, situações atuais e singulares de diversos espaços educacionais e valoriza os momentos de espera como experiência capaz de fazer pensar e construir tais espaços.

Palavras-chave: Escolas; Estudantes; Experiência; Histórias sobre escolas.

Abstract

The article presents eight stories based on moments of wait of the author, during some visits to study schools and to share learning. Beyond the presentation of the stories lived during these “moments of wait”, the article presents comments about the metamorphosis of the wait in experiences, including two different movements: the act of waiting turning into an experience and each experience turning into words. These stories took place in Brazilian schools of basic education from 1997 on. During this period there was a particular moment of wait that was experienced deeply by the author in the University where she teaches and researches. The article recollects, therefore, singular and present situations of diverse educational places and values the moments of wait as experiences that turn out to reflection and to build up such places.

Keywords: Schools; Students, Experience; Stories of schools.

1. Mestre em História e Filosofia da Educação e doutora em Psicologia da Educação pela PUC de São Paulo. Pós-doutoramento na Universidade de Barcelona - orientada pelo prof. Jorge Larrosa Bondia. Professora do Programa de Pós-Graduação em Artes da UNESP. Líder do grupo de pesquisa Arte e formação de educadores do CNPq.

Email: luizachristov@gmail.com

Apresentação

Esta é a história de uma coleção. E é, também, uma coleção de histórias. Uma coleção singular. E sobre singularidades. Coleção que comecei a fazer em 1997. Durante várias visitas para estudar escolas e para compartilhar aprendizados, vivenciei situações de espera para ser atendida ou para dar início a algum processo de conversação. Constatei que fatos presenciados nestes momentos de espera mereciam registros, pois provocavam meu pensamento e me aproximavam sensivelmente das experiências de vida próprias daqueles espaços.

Na condição de professora em licenciaturas da Universidade Estadual Paulista e, também, na condição de curiosa sobre experiências de escolas de educação básica, tenho a oportunidade de estar em diferentes espaços escolares. Tenho freqüentado as escolas estaduais e municipais de educação básica por diferentes motivações, mas sempre com a mesma sensação ao atravessar seus portões: de que deveria ter levado comigo uma filmadora para registrar cada história absolutamente fascinante que inevitavelmente se oferece como experiência para minha sensibilidade, para minha curiosidade, para meu pensamento.

Os registros foram se avolumando de tal sorte que passaram a compor uma coleção que começo a divulgar para, inclusive, compreender melhor seu significado, compartilhando-o.

Apresento alguns deles, neste artigo, com o sentimento de quem exhibe algo precioso... como o conteúdo de um diário.

Momento de espera 1: prazer, muito prazer

Escola de ensino fundamental. São Paulo, capital. Vou à escola para planejar com a coordenadora pedagógica um conjunto de conversas com as professoras alfabetizadoras. Enquanto espero a coordenadora, que estava ajudando a secretária a procurar documentos de alguns alunos, uma das professoras - quarta série - convidou - me para ouvir seus alunos cantarem e para ver os trabalhos que estavam elaborando sobre os países participantes da copa do mundo. Era 2002.

Fiquei muito feliz com esta oportunidade por dois motivos: ouvir as crianças foi um momento de emoção e ser convidada pela professora, com um gesto espontâneo, trouxe-me a impressão de ser aceita por ela como alguém que valoriza o tipo de trabalho que ela faz com os alunos.

As crianças cantaram com muito entusiasmo, olhando todas para mim, com rápidas escapadas de olhares para a professora. As rápidas escapadas de olhares para a professora continham também um sorriso que me pareceu de cumplicidade e orgulho. Eu rememorei, mais por meio da pele e do sangue do que com ajuda da cabeça, minha época de quarta série. Senti que conhecia muito bem aquela satisfação de ser exibida com orgulho pela professora. Além da alegria de cantar com os colegas e de ter um outro adulto - ainda que estranho - manifestando satisfação com a apresentação.

Após a apresentação musical, professora e eu com vontade de chorar, parabenizei os cantores que, um tanto eufóricos, passaram a me mostrar vários trabalhos por eles realizados. Os trabalhos sobre a copa do mundo eram interessantes por trazerem pesquisas sobre os países participantes, além de ilustrações com fotos de revistas e desenhos dos alunos. A euforia fundada no prazer de mostrar o que faziam não permitiu que tratássemos apenas dos trabalhos sobre a copa do mundo. Reviraram os armários para mostrar tudo o que neles haviam guardado, sobre vários temas: preservação do ambiente, respeito às pessoas e ao espaço físico da escola, matemática...

Esta experiência permitiu rememorar a alegria que senti na infância em situações parecidas com esta. Permitiu rememorar como é importante para a criança o olhar orgulhoso do adulto sobre ela.

Momento de espera 2: fragilidade e valentia

Escola de ensino fundamental e médio. São Paulo, capital. Ao chegar, precisei esperar que os professores concluíssem uma reunião na qual planejavam uma visita a um museu. Fui convidada para trocar idéias sobre o tema interdisciplinaridade.

Esta espera foi interessante, pois pude testemunhar uma discussão entre a vice-diretora e uma senhora cujo filho - aluno da quinta série - havia sido machucado por uma criança de uma Casa Abrigo, instituição na qual residem crianças sem famílias.

A senhora, mãe do aluno atingido, encostou-se no batente da porta da diretoria, com a mão na cintura, olhando para a vice-diretora e dizendo em tom ao mesmo tempo agressivo e amedrontado: “a fulana disse que o menino bateu no meu filho, vocês não tão fazendo nada, ela disse que ele tem uma faca . Meu filho tem mãe, vocês vão fazer o que?”

A vice-diretora levantou-se e com uma postura de ataque e defesa, como se empunhasse uma espada para lutar esgrima, com o braço e o peito para frente e a cabeça erguida disse: “vocês são é umas fofoqueiras, a mãe que ajuda no recreio não pode ficar nesse leva e traz. Eu já resolvi o problema; foi sem querer, não foi violência, criança brinca e se machuca mesmo, mas não foi nada grave...”

A mãe reclamante foi para o corredor e a vice-diretora a seguiu. Falavam, as duas, em tom bem alto. A vice-diretora acusando a senhora mãe do aluno de “reclamona”, de “fofoqueira”. A mãe respondendo que a vice-diretora é “irresponsável”, “que está acostumada a lidar com maloqueiro”...

Como estavam caminhando em direção à saída da escola, suas vozes e palavras foram distanciando-se de forma que não pude registrar o desfecho da conversa. Mais tarde, perguntei à vice-diretora como havia resolvido a “conversa”. Ela continuou reclamando que as mães são fofoqueiras. Não consegui distanciar-se de sua emoção o suficiente para explicar-me o fato e seu desfecho.

Pensei nos sentimentos que se entrelaçam e se conflitam no dia-a-dia das escolas. Pensei no cansaço da vice-diretora. Cansaço que a impediu de inventar-se como ouvinte para mudar o tom da conversa com a mãe. Pensei que deve ser muito difícil estar todos os dias em um ambiente de embates e de dramas diversos. Pensei que são todos frágeis e valentes na mesma pessoa, ao mesmo tempo.

Momento de espera 3: o enigma

Escola de ensino médio. São Paulo, capital. Vou conversar com diretor e coordenadora pedagógica sobre projetos que desenvolvem conteúdos associados a valores e atitudes. Sou encaminhada a uma sala de espera onde devo aguardar a chegada do diretor. Após poucos minutos de espera, sou surpreendida pela entrada de um jovem com aspecto cansado, como se estivesse sem dormir ou doente.

Ele senta-se em cadeira localizada exatamente em frente à cadeira que eu estava. Olha para mim e desabafa: “tenho que esperar a orientadora educacional”. Começo a conversar e descubro que ele é aluno do segundo ano do ensino médio e, com muitas faltas, foi encaminhado pelos professores para conversar com a orientadora educacional. Pergunta quem sou eu e o que faço ali. Manifesta interesse e curiosidade pelas pesquisas que estou desenvolvendo e diz: “vou logo avisando que aqui nesta escola existe muito desrespeito”... “ninguém escuta ninguém”... “e este negócio de desrespeito é entre aluno e entre professor também”... “até a orientadora educacional não respeita ninguém”. Pergunta: “a senhora sabe o que faz a orientadora educacional? Ela não deve educar as pessoas?” Respondo: “que todos devem educar a todos, aproveitando oportunidade para construir bom relacionamento e entendimento”. O rapaz parece não ouvir minha resposta e continua “vou avisando que aqui não existe respeito...”. Silêncio. Penso sobre o que

ele estará pensando. Ele quebra o silêncio e fala com a voz um pouco alterada, como se estivesse cansado de falar: “eu tô na pior, sabe?” ... “quero mesmo é sumir”. Pergunto: “sumir como? Para onde? Com quem?”.

Resposta rápida: “Sumir só eu mesmo, pra lugar nenhum”. Pergunto: “você quer ajuda? Você acha que alguém pode te ajudar? Você quer contar pra mim o teu problema?”. Silêncio. Resposta: “Não quero contar nada...nem conheço a senhora...depois a senhora vai botar esta história numa pesquisa e eu fico mal na fita”. Silêncio. Penso que seria inútil dizer que ele pode confiar em mim. Afinal, a confiança é processo difícil de se conquistar. Com sentimento de grande impotência, apenas consigo responder: “Você é quem sabe...como você me ajudou falando que não há respeito nesta escola, talvez eu pudesse te ajudar...”. Silêncio. Que só foi interrompido dez minutos mais tarde com a chegada da orientadora educacional para atender o rapaz. Ao sair ele estende a mão para mim e diz: “Até logo e não esqueça do que eu falei”. Sai.

Algumas semanas mais tarde, ao perguntar sobre o rapaz para a orientadora educacional, soube que ele havia sido internado em uma instituição para recuperação de dependentes químicos.

Um ano após esta conversa, voltei à escola especialmente para entrar em contato com este aluno e pedir autorização para relatar esta conversa em um livro. Surpreendentemente, ele estava na sala de aula do segundo ano. Com aspecto bem menos cansado, disse que “Firmeza...ia ser beleza ver a conversa num livro...”. Pergunto se agora ele está bem na fita e ouço: “às vezes tô de boa. Outras vezes, não”.

O encontro com este jovem ampliou meu universo de perguntas, assim como minha sensação de incapacidade para entender tais histórias e para ajudar. Saí perguntando a mim mesma se a escola tem condições para ajudar um jovem como este. Saí perguntando se a escola pode ser um espaço de proteção...se poderemos um dia compreender nossos limites e nossa força para acolhermos o outro.

Lembrei as palavras de Jorge Larrosa (2003, p.197):

Uma imagem do outro é uma contradição. Mas talvez nos reste uma imagem do encontro com o outro (...) E isso na medida em que esse encontro não é nem apropriação, nem um mero reconhecimento em que se encontra aquele que já sabe e que já tem, mas um autêntico cara a cara com o enigma, uma verdadeira experiência, um encontro com o estranho e com o desconhecido, o qual não pode ser reconhecido nem apropriado.

Meu encontro com esse jovem, em um momento de espera, tem o sentido dessa experiência no interior da qual só me resta o enigma anunciado pelo outro...só me resta a presença de minha impotência...só me resta o perguntar.

Momento de espera 4: menino rainha e menina rei

Escola de ensino fundamental. São Vicente, litoral de São Paulo. Entro em uma sala de quarta série do ensino fundamental para orientar a elaboração de uma avaliação pelos alunos, na condição de avaliadora de um programa de superação da defasagem idade-série.

Enquanto espero a professora responsável pela classe chegar, inicio conversa com as crianças. Escrevo meu nome na lousa e leio bem devagar. Peço para cada um dizer o próprio nome. Alguns chamam a minha atenção: o nome de uma menina: “Jonatam King”; o nome de um menino: “Victory Queen”; o nome de outro menino: “Acapulco”. Perguntei se sabiam as histórias dos seus nomes. Sabiam: “Jonatam King”, “Victory Queen” e “Acapulco” são nomes de navios, pois seus pais trabalham no Porto de Santos e gostavam muito destes nomes. Não eram irmãos.

A professora entrou na sala enquanto as crianças falavam sobre seus nomes. Comentou que a ignorância dos pais levou-os a nomear de rainha um menino e de rei uma menina e que isto é uma

aberração. A palavra aberração chamou minha atenção, porque eu havia achado muito interessante os pais nomearem seus filhos com nomes de navios, de reis, de rainhas, de lugares. Não consegui perceber a aberração. Pensei que, talvez, eu estivesse me tornando uma educadora incapaz de saber os males que acompanham a ignorância. O que é ignorância nesta história? Ignorar a língua inglesa? Há ignorância que leva a uma aberração nesta história? O que podem sofrer as crianças por conta de seus nomes de navios? Por conta de serem menina rei e menino rainha? Se, por ventura, tornarem-se celebridades, seus nomes serão revestidos de charme e poderão ser trocados. Se, por desventura, seus nomes estiverem associados ao que nossa sociedade chama de crime, receberão alcunhas, serão condenados e esquecidos. Pensei que talvez venham a sofrer chacotas nas escolas que por toda a vida freqüentarem. Mas o que são chacotas perto de aprender a coragem de seus pais se entregarem ao som e ao desenho das palavras que gostam, ao fascínio dos nomes de reis, rainhas e lugares...ao desejo de predestinar e nomear seus filhos como se nomeia um navio, corpo enorme que percorre o mundo, as línguas, as comidas, os climas e histórias.

Com seus nomes, as crianças conduziram - me a um fascínio suposto, a uma fantasia com que, na companhia de seus pais, transitei por cais a ver e a cheirar contêineres, guindastes, navios... com eles, transitei por um pressentimento do mundo.

Momento de espera 5: outra história sobre... nomes

Em uma escola de ensino fundamental, na qual realizava estudos para meu doutoramento, chego para trabalhar com a coordenadora pedagógica. Eu já era bastante conhecida pela maioria das pessoas e desenvolvia, entre outros projetos, um mini curso para um grupo de estagiárias, alunas de Pedagogia. Ao chegar, fui informada pela diretora de que a coordenadora havia sido convocada para um trabalho de esclarecimentos sobre a construção do regimento interno, na Diretoria de Ensino. Enquanto eu tomava um café na sala da diretora, uma das estagiárias veio me chamar aflita, dizendo que a professora de uma das quartas séries havia faltado e elas não estavam sabendo mais o que fazer para manter as crianças trabalhando sem brigas e sem tumultos.

Fui até a sala e me apresentei para os alunos. Enquanto eu pedia silêncio e dizia que queria falar um pouco com eles, uma das estagiárias disse estar sentindo-se mal e foi levada para fora por outra colega. Eram duas estagiárias na sala. Passei a conversar sozinha com os alunos que andavam pela classe. Pedi que se sentassem para conversarmos. Sentaram-se. Pedi que cada um dissesse seu nome. Começaram a dizer e a prestar atenção no que todos diziam.

Chamou minha atenção o fato de que todos, todos - e somavam 23 - pronunciaram o próprio nome em tom de voz bem baixo e quase suprimindo letras. Eu precisei pedir a todos que repetissem o nome. Perguntei se sabiam as histórias do próprio nome. Silêncio. Respondi que meu nome é Luiza Helena: Luiza de minha avó materna e Helena de minha avó paterna e que eu gosto muito de ter os nomes de minhas duas avós, que já morreram. As posturas e olhares começam a revelar atenção concentrada em minha pessoa. Alguns começaram a contar a história do nome, falando ao mesmo tempo. Pedi para falarem um de cada vez, pois eu gostaria de ouvir as histórias. Somente quatro conheciam a história ou origem do nome:

“minha mãe sempre gostou do meu nome”;

“meu irmão é que escolheu o meu”;

“meu nome é de um jogador de futebol”;

“meu pai é que botô, mas não sei porque”.

Sugeri que os demais procurassem descobrir a história do nome ou imaginassem uma história.

Durante esta conversa sobre os nomes, eles estavam interessados e atentos, querendo continuar nossa comunicação. Conversamos por mais vinte minutos, até que voltaram as estagiárias e pediram para continuar o trabalho de leitura que já estavam desenvolvendo com eles.

Saí da sala impressionada com esta experiência. Fiquei esperando as estagiárias terminarem as aulas para conversarmos.

O contato com aquelas pessoas, jovens e crianças, ainda que breve, serviu para que eu pensasse na oportunidade de encontros trazida pela experiência escolar. Não apenas a oportunidade de encontro com o saber escolar, mas a importância do contato com nossa condição humana. Com o abraço. Com o ser ouvido e o ouvir. A oportunidade do encontro com o próprio nome. Com a própria história.

Pensei como o conhecimento sobre minha história me faz sentir protegida. Olhar os rostos daquelas crianças e jovens permitiu minha lembrança sobre o conforto de pertencer a uma história e a um nome. Que espécie de conforto é este? Não sei. Como não sei a vida que arrasto comigo e a quero mais, sempre mais.

Momento de espera 6: julgamentos

Chego a uma universidade européia. Vou assistir a uma apresentação de tese. Espero a chegada dos examinadores, anunciando-me à doutoranda que, ao lado de alguns parentes, prepara a exposição. Costumamos brincar que os protagonistas destas situações são réus e réas. E no caso de muitas universidades européias, tal denominação parece mais adequada, pois as sessões de defesas de teses são chamadas de tribunais.

Chegam os examinadores...cada um a seu tempo...falta apenas um deles quando atingimos o horário marcado para o início. Chegam duas alunas do orientador do trabalho. Sentam-se ao meu lado, sem nos conhecermos. Conversamos. Estabelecemos aproximação fácil e comovente, destas que fazem bem à alma. Quarenta minutos após o horário marcado para o início e o início não acontecia. Faltava um examinador, ou melhor, uma examinadora. Uma hora e trinta minutos após o início previsto e nada de se abrir o tribunal.

A pequena população - examinadores presentes, doutoranda ré e familiares e nós, as três conversadoras - começa a julgar por conta própria a examinadora ausente; o orientador que não toma providências; os congestionamentos das cidades contemporâneas; o desrespeito aos nervos da orientanda; a instituição universidade; os governos neoliberais que exigem produtividade dos intelectuais; a modernidade; a pós-modernidade; a existência de tribunais.

No processo instaurado salvou-se, apenas, o julgar. Único verbo preservado na compulsão de se identificar culpados. Duas horas e meia de espera e chega a examinadora não mais ausente. Como era presidente da banca examinadora, abre os trabalhos pedindo desculpas sem contar as razões de seu atraso. O tribunal instalado para julgar o atraso silencia. Seu silêncio permitia a escuta de uma voz tênue, frágil, apresentando o trabalho de tese. Minha atenção foi desviada do tribunal de tese para o tribunal do atraso. Distraída, pensei como somos compulsivos para julgar. Claro que a situação merecia análise, claro que a orientanda ré merecia respeito. A única claridade, porém, que ofuscou meu olhar, foi constatar que diante de um deslize alheio sentimos pressa em evidenciarmos como somos diferentes e melhores, que sabemos o que é certo e o que é errado. Mais que o atraso para dar início ao tribunal, chamou minha atenção nosso prazer e capacidade de julgar.

Momento de espera 7: o novo e o velho

Certa manhã, enquanto esperava ser atendida pela coordenadora pedagógica com a qual realizei meus estudos de doutoramento, observava a escola que, naquela ocasião, estava em processo de reforma... o prédio é antigo, eu o conheço desde menina: faz parte de meus trajetos infantis. Nunca estudei nesta escola, mas desejei ter estudado. Seu jardim era lindo... e nesta manhã em que esperava e observava a escola, não havia jardins...somente pó...pedreiros...uma escola em reforma. Essa escola, na qual observei por um ano a experiência de uma coordenadora pedagógica, estava

em reforma. Meu pensamento não resistiu à tentação de associar a reforma do prédio à reforma educacional que seguia a todo vapor no final dos anos noventa, no Brasil. Esta manhã de espera na qual me deixo pensar na escola em reforma está localizada em 1997.

A escola deste momento de espera vivia uma reforma do seu prédio e uma mudança de regimento interno, aliada à construção de um novo projeto escolar. Vivia, na verdade, uma reviravolta entre o novo e o velho. Pensei que, nesse movimento entre o novo e o velho, os professores, a diretora, a coordenadora, os funcionários, os alunos e os pais atravessavam corredores de pó e de pedras que caíam do andar superior, dentre as quais: novas formas de avaliar, regime de ciclos, regimento escolar elaborado pela equipe escolar; planos de recuperação paralela dos alunos, parâmetros curriculares nacionais, lei de diretrizes e bases da educação nacional, conselhos tutelares. Pedras que caíam, sem piedade, do andar superior. Pensei que, no cenário da escola em reforma, os professores caminhavam entre as caixas de livros da biblioteca em pintura e os supostos pilares de parâmetros curriculares, cujas cores poucos, ainda, identificam com nitidez.

Os pais, chamados a aprovar e compreender o regimento escolar, eram recebidos em salas de tinta fresca, após escalarem entulhos perto do portão e das portas de uma escola que se pretende aberta à comunidade. A direção negociava com engenheiros, arquitetos, bombeiros e supervisores de ensino. Os funcionários limpavam, reclamavam e limpavam.

Pensei que a coordenadora pedagógica, entre entulhos e queixas de todos, improvisava formas de transformar ou de aliar a reforma do prédio à reforma da escola.

Pensei que os alunos brincavam sem demonstrar medo de ficarem sujos de tintas e de pó. Sem medo das pedras que caíam do andar superior. Para eles, talvez, reformas podem ser divertidas. Afinal, o passado para eles é tão pequeno que não pesa para ser tirado do lugar e colocado em uma caixa qualquer. O prazer das novidades sobrepuja o desconforto da reforma.

Observando a arquiteta que descascava uma parede com o cuidado de buscar a pintura original, pensei que a reforma daquela escola carregava consigo o compromisso de preservar a beleza das formas antigas em um espaço que se precisa diferente, sobretudo porque continente de um universo ampliado de alunos.

Pensei que a única estrutura velha que tem o direito de permanecer é a dos velhos prédios. Os velhos e belos prédios escolares ensinaram-me que existem espaços bem cuidados, que devem ser preservados...com jardins e paredes altas...bem pintadas...que não podem ser riscadas. Pensei que o espaço pode educar a alma. E que a alma, quando se encontra com o desafio de escolher entre o novo e o velho, seja um prédio, seja um modo de ensinar e aprender, ela necessita de algum silêncio, de alguma permanência, de alguma condição para respirar entre pós e pedras e edificar os dias.

Momento de espera 8: na fila do xerox

Chego cedo à universidade. Preciso preparar cópias de uma poesia para abrir minha aula desse dia. Entro na pequena sala onde fica o funcionário que opera a máquina xerox. A sala está lotada de estudantes. Alguns são meus alunos, outros não. Coloquei-me na fila, não tenho pressa e me agrada a idéia de ficar escutando a conversa e observando os gestos dos jovens que falam com bastante soltura e desembaraço sobre os professores, sobre as tarefas, sobre os autores. Os alunos carregam textos. Muitos textos. E nenhum livro. Portam reproduções fragmentadas de livros. Pergunto a um deles: “O que você está lendo?”.

Responde: “Nem sei, professora. É um tal de Kant. E outros mais. Nem sei os nomes. Nem sei pra quê ler tanto assim”.

Penso comigo: nem eu...nem eu sei para quê ler tanto assim, sem ter um livro inteiro nas mãos, com sua capa, seu cheiro, seus ácaros, suas letras. Nem eu, que padeço de tara por ter o cor-

po inteiro de um livro nas mãos, sei o motivo de se obrigar os alunos a reproduzirem e a transportarem tantos fragmentos de textos assim como vemos nas salas de xerox espalhadas pelo mundo.

Ouçoo uma aluna dizer que está com medo porque fará um exame e não sabe responder exatamente o que a professora deseja na prova. Outro aluno sorri e responde que a cabeça da referida professora é mesmo um mistério e que ele já desistiu de querer adivinhar o que ela pretende que se escreva na prova. Sendo assim, diz o jovem: “Vou escrever qualquer coisa só pra não deixar em branco”.

Sinto enorme curiosidade, até hoje, já passado algum tempo, para ler o texto da prova que não foi deixada em branco. Que texto inovador e interessante poderia ser esse!

Observo o jovem que ajuda a colega a organizar as páginas do texto que acaba de ser reproduzido. Ele orienta: o capítulo da mercadoria é o primeiro no xerox do Marx. A garota reage: que confusão! Este capítulo da mercadoria não é da matéria de economia? E o xerox do Marx não é de sociologia? Acho que você está enganado.

Penso que enganados estamos todos nós, professores, que não conseguimos mais mostrar aos jovens que um autor que sentou e escreveu e sentou e escreveu de novo e que leu, leu e pensou na vida da humanidade não merece o destino de ter seus livros esquarterados.

Saí da fila e fui buscar o livro inteiro do poeta que me ofereceu uma poesia para iniciar minha aula naquele dia. A poesia não era a que se segue, que foi lembrada agora, somente agora, no momento de rememorar a história:

Cada poesia é uma leitura da realidade,
E toda leitura de um poema é uma
Tradução que transforma a poesia do
Poeta na poesia do leitor. (Octavio Paz)

A metamorfose da espera em experiência

Cada momento descrito é uma experiência e seu registro, neste artigo, constitui outra experiência.

Temos assim, dois movimentos que transformam esperas em experiências. Um primeiro movimento em cada uma das esperas e um segundo movimento que transforma em palavras experiências/esperas.

Paremos com calma para considerar o primeiro movimento.

Algo aconteceu comigo no momento de estar em cada uma das escolas, em cada um dos exatos momentos descritos. Aconteceu, em primeiro lugar, uma vontade de não estar em outro lugar, de não estar fazendo outra coisa que não esperar. De não estar ocupando meu tempo com outra coisa que não esperar. Aconteceu de eu desejar me distrair com a espera, na espera e com as histórias que me roubaram a atenção. Porque fui roubada e desviada de prestar atenção em mim mesma. Fui arrebatada de qualquer pretensão de ler um livro, de ouvir uma música, de pensar na minha vida. As vozes, os cheiros, as cores, os gestos e as palavras de cada momento de espera apoderaram-se dos meus ouvidos, do meu nariz, dos meus olhos e de tudo o mais que constitui meu aparato capaz de receber o mundo. Aconteceu em segundo lugar, uma curiosidade. Uma curiosidade xereta. Que leva as pessoas a enfiarem o nariz onde não são chamadas. Sempre fui dominada por esta curiosidade. No ônibus, quero ouvir as conversas das pessoas de todos os bancos. Nos aeroportos, se tenho tempo, coloco-me ao lado de pessoas que esperam passageiros para testemunhar seus encontros, seus abraços, suas palavras, seus prantos. Nos bares, adoro roubar fragmentos de falas para ficar supondo histórias.

Aconteceu em terceiro lugar, a sorte. A boa sorte que tenho das coisas acontecerem diante do meu nariz. A boa sorte que tenho de pessoas estranhas, completamente estranhas, abrirem suas histórias para mim. A boa sorte que tenho de ser convidada a participar.

Desejo de estar e de perder tempo, curiosidade e boa sorte. Seriam cúmplices na transformação das esperas em experiências? Talvez.

O importante é que essas esperas tornaram-se algo que provocou meu pensamento e meu coração e mostrou como posso sofrer; como posso desejar coisas boas; como posso me ver parecida e diferente dos jovens, das crianças, dos professores, das diretoras de escola e, sobretudo, como desconheço espaços, pessoas e situações. O que torna a vida uma novidade e uma ameaça constantes. Talvez por conta desta ameaça do novo, dos 50% de chance de haver um perigo no desconhecido, é que muitas pessoas preferam ler um livro e pensar na vida já conhecida sem se deixarem roubar por vozes e gestos de estranhas pessoas e novas histórias que não estavam previstas para acontecer. Talvez por conta daquela ameaça que o novo sempre carrega em uma de suas metades, muitas pessoas preferam manter seus ouvidos e corpos nos trilhos dos objetivos que tinham ao chegar a um lugar. Essas pessoas têm toda razão. São cheias de razão. Eu não. Vivo me distraindo e transbordando meus objetivos, meus interesses, meus momentos de espera. Vivo lamentando o fato de não ser desocupada o suficiente para ver e escutar as histórias não previstas que acontecem a cada segundo na rua, na escola, no bar.

Paremos, agora, ainda um pouco mais, para considerar o segundo movimento que identifiquei na metamorfose da espera em experiência. Falo do movimento que transforma as experiências em palavras e permite a exibição desta coleção singular que guardo como um diário.

O que fizeram as palavras com as experiências de espera que colecionei? Ou ainda: como foi que as palavras entraram na história de esperas e experiências? No início deste texto, afirmei que resolvi fazer esta coleção porque os momentos de espera provocaram meu pensamento. Como não pensamos de outra forma que não seja por meio de palavras, posso dizer que as palavras lá estavam rondando as esperas no instante mesmo em que elas começaram a se mostrar como experiências.

Quando o desejo de estar esperando, sem a fuga da espera, somou-se à curiosidade e à sorte de estar com aquelas pessoas, cada espera mostrou-se como possibilidade de ser uma história... cada espera foi se dando como palavra, dita e pensada. A disposição afetiva de estar em cada momento já se deu em palavras, porque vislumbrei as histórias que iria escutar, as perguntas que iria pensar e, mais tarde, as histórias que iria contar. A experiência encontrou a palavra e escapou de uma cápsula absolutamente singular para ganhar alguma visibilidade e transportar movimentos, cheiros, sons, cores, risos e dramas em locomotivas que trouxeram os momentos de espera até mim. Enquanto palavra, a experiência que se desprende da cápsula pode ser pensada.

Enquanto palavra, a experiência pode ser contada, cantada, mostrada. Como algo que se desprende, a experiência perde massa, volume, partes do corpo ao se mostrar em palavras. Por isto, em nenhuma situação, a experiência se mostra inteira, nem para quem a pensa, canta, conta e mostra e nem para quem a ouve e a lê.

As histórias que mostro neste artigo são os fragmentos que decidi exibir do que foi despregado de sua singularidade...são as sobras do conjunto de perguntas, dúvidas, medos, desejos e cheiros que encontrei nos momentos de espera transmutados em experiência de pensar, contar e sentir.

Referências

- LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana*: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PAZ, Octavio. *Traducción*: literatura y literalidad. Barcelona: Tusquets, 1971.

Recebido em 10/09/2007
Aprovado em 10/10/2007

Para citar este trabalho:

CHRISTOV, Luíza Helena da Silva. Espera, experiência e palavra. *Revista @mbienteeducação*, volume 1, número 1, Jan/Julho 2008. Disponível em: http://www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/index.html. Acesso em: __/__/__